

DA ALDEIA ÀS CIDADES: UM BREVE RECORRIDO DE UMA EMIGRAÇÃO AO BRASIL Érica Sarmiento da Silva¹

No período entre 1815 e 1930, mais de 50 milhões de europeus abandonaram seus países. Neste momento histórico, o destino da grande maioria foi o continente americano. O fluxo migratório coincidia com as nascentes economias latino-americanas que estavam em processo de crescimento. As causas para este deslocamento respondem a fatores sociais, econômicos e políticos que interagem e que se cruzam entre duas realidades: a realidade do país de origem do emigrante e a do país de acolhida. Um dos destinos escolhidos foi o Brasil. Levando em consideração algumas estatísticas, correspondentes aos anos de 1880 e 1970, chegaram a esse país, aproximadamente 700 mil emigrantes espanhóis. Nosso país ocupou o terceiro lugar de destino escolhido pelos espanhóis na América Latina, unicamente atrás da Argentina e de Cuba. Considera-se que, pelo menos, 70% desses emigrantes são de origem galega.

A chamada imigração espontânea, ou seja, aquela que não participava da política imigratória subvencionada pelo Estado de São Paulo, foi a escolhida por milhares de emigrantes que desembarcaram principalmente nos portos das cidades de Santos (São Paulo) e do Rio de Janeiro. Os grupos mais importantes numericamente são os portugueses, os italianos e os espanhóis e, dentro do contingente espanhol, a Galiza ocupa lugar de destaque. É difícil extrair, através dos registros brasileiros, a porcentagem de galegos que residia no Brasil, dentro

¹ Doutora em História pela Universidade de Santiago de Compostela; Pós-doutorado na UERJ. Professora no PPGH Universo (mestrado em história)/ UERJ. E-mail: <erisarmiento@gmail.com>.

do coletivo espanhol, porque os documentos históricos quase sempre identificam o imigrante como *espanhol*, sem precisar o lugar de origem. Entretanto, estima-se que, segundo as autoridades consulares brasileiras, os galegos representam cerca de 70% a 80% do coletivo espanhol.

A chegada de milhares de galegos que emigraram por conta própria teve um peso significativo em várias cidades brasileiras, como Santos (São Paulo), Salvador (Bahia) e Rio de Janeiro. A chamada emigração espontânea coincidiu com a emigração dirigida, já que a maior concentração de galegos chegou ao Brasil no final do século XIX e começo do século XX. Fugindo das zonas agrícolas e buscando nas cidades o futuro promissor, emigraram para o Brasil através das chamadas cadeias migratórias e redes familiares. O fato de serem pequenos proprietários de terra no lugar de origem facilitou o seu deslocamento às cidades, não dependendo do auxílio do governo brasileiro para comprar as passagens. Diferentemente de outros grupos, como os andaluzes que se deslocaram para as zonas rurais do Brasil, os galegos financiavam os seus bilhetes para cruzar o Atlântico, vendendo algumas parcelas de terra ou recebendo em forma de empréstimos daqueles patrícios que já estavam estabelecidos nas cidades brasileiras.

Essa diferença foi crucial na hora de decidir como emigrar, porque, pelo menos, à primeira vista, o emigrante era independente para buscar a melhor forma de ganhar seu sustento e a maneira de conseguir o financiamento da passagem, se através da hipoteca ou venda de alguns bens, de empréstimos ou de economias. Também devemos pensar que a má experiência de uma política agrária já acompanhava os camponeses galegos, vítimas que eram dos *foros* – os sistemas de arrendamento, dos altos impostos e do clientelismo local. Além disso, havia motivos para retornar à Galiza: as terras arrendadas que se objetivava comprar,

o aumento do capital, o investimento na aldeia de origem e a família. Não seria nada estranho que buscassem outras formas de enriquecimento que não fossem através da agricultura.

Segundo os dados extraídos da *Revista de Imigração e Colonização*, obtidos no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, do período que abrange desde o ano de 1884 a 1939, havia o seguinte número de espanhóis no Brasil:

Quadro 3. Ano de chegada e número de espanhóis no Brasil

| ANO DE CHEGADA | NÚMERO DE ESPANHÓIS |
|----------------|---------------------|
| 1884-1893 | 103.116 |
| 1894-1903 | 102.142 |
| 1904-1913 | 224.672 |
| 1914-1923 | 94.779 |
| 1924-1933 | 52.405 |
| 1934-1939 | 4.604 |
| TOTAL | 581.718 |

Fonte: Revista de Imigração e Colonização, Ano V, n. 3, setembro de 1944.

Os anos de maior registro foram entre 1904 e 1913, períodos auge das plantações de café em São Paulo. Décadas mais tarde, com a queda do produto, com a ditadura de Getúlio Vargas e com o panorama internacional envolvido pela crise de 1929 e a Segunda Grande Guerra, o contingente espanhol que engrossava os dados estatísticos reduziu-se significativamente. Todos os dados relacionados com o fluxo imigratório sempre devem ser tomados com cautela, já que se deve levar em consideração que as cifras oficiais não conseguem contabilizar aqueles emigrantes clandestinos e nem os que cruzavam as fronteiras brasileiras, vindo de países vizinhos como a Argentina ou o Uruguai.

A fuga do serviço militar já tinha importante repercussão na emigração galega intra-peninsular, quando os varões emigravam a Castela e às cidades do Porto, Lisboa e Cádiz. Durante grande parte do período de 1830 a 1930, os prófugos galegos continuaram emigrando intensivamente às outras zonas da Península Ibérica. Com a abertura e a consolidação da emigração à América, o

destino dos desertores se estendeu aos países americanos. Nas costas cantábrica e atlântica da Galiza, o fluxo migratório que se dirigia até as mais ativas e populosas cidades castelhanas ou andaluzas começou a ser substituído, respectivamente, por Cuba e Rio de la Plata, a partir da década de 1840.

Nas áreas de interior da província galega de Ponte Vedra e seus limites com Lugo, no ocidente da Corunha e nas zonas fronteiriças com Portugal, nas províncias galegas do sul, os moços orientavam-se majoritariamente em direção às principais cidades portuguesas e, através delas, até o Brasil. O interior das províncias galegas de Lugo e Ourense, com pautas migratórias mais tradicionais, orientava seus destinos a Castela, Andaluzia e Portugal. Para muitas famílias camponesas ou burguesas, o serviço militar supunha um vazio nas economias familiares, ao perderem *braços* para a exploração agrícola ou ao perderem as rendas complementares das emigrações estacionais, além de privar os jovens de tempo para se instruírem ou adquirirem uma formação profissional (no caso das famílias com mais possibilidades econômicas). A escassez de recursos econômicos da maioria das famílias galegas diminuía a capacidade dos *chamados à fila* para conseguirem a isenção do serviço militar e, inclusive, para pagar um substituto, o procedimento mais barato.

Segundo os dados da *Estadística del Reclutamiento y Reemplazo*, publicadas de 1912 a 1920, as províncias galegas – A Corunha, Ponte Vedra, Ourense e Lugo – estavam entre as províncias espanholas com maior índice de prófugos. Entre os anos de 1895 a 1933, a Galiza era responsável por 29,85% dos prófugos e, em 1914, o número de prófugos galegos alcançou o máximo de 50,67%. As guerras que atingiram todo o século XIX (guerras carlistas, a Guerra de Cuba e de Filipinas) e as necessidades econômicas e sociais, unidas com as atrações dos países americanos, provocaram na Galiza uma alta porcentagem de prófugos. Uma parte importante da emigração clandestina espanhola saía do porto francês de Bordeaux, entre os anos de 1865 e 1920.

A emigração clandestina dos jovens que fugiam do serviço militar pode ser comprovada nos arquivos municipais da Prefeitura de Santa Comba, na Província da Corunha. Dos livros de recenseamento militar recolhidos de 1901 a 1930, havia 2.984 rapazes inscritos no serviço militar. Dos que foram chamados, menos da metade compareceu, 65,28% era prófugo. Grande parte desses jovens varões deslocava-se rumo a Portugal, onde buscavam *uma saída para o mar*. O intercâmbio

entre Portugal e Galiza já vinha desde antes da emigração transoceânica e fazia parte dos fluxos migratórios intra-peninsulares. Até os anos sessenta do século XIX, os prófugos iam predominantemente para o país vizinho e, nas décadas posteriores, devido à influência dos portugueses, decidiam ir para a antiga colônia lusitana.

Alguns municípios galegos situados na província de Ponte Vedra tinham uma clara tradição emigratória às terras portuguesas e a determinadas cidades. É o caso dos municípios de Fornelos de Montes e Ponte Caldelas, que emigravam a Lisboa, e também do município da Lama, que tinha preferência pela cidade do Porto. Nas décadas finais do século XIX, seguindo a corrente galega que foi para América do Sul, os habitantes desses municípios escolheram como um dos destinos preferidos o Brasil, em particular o Estado da Bahia. Como não pensar que esses galegos que se deslocavam para o interior do norte de Portugal para trabalharem no setor da *cantaria*, ou aqueles que iam para as zonas urbanas, como a cidade do Porto, assumindo as mais diversas ocupações, desde criados a comerciantes, não seriam influenciados pela sociedade onde estavam, pelos rumores daqueles portugueses que retornavam do Brasil ou que emigravam em busca de melhores oportunidades? O mais normal era que o Brasil passasse a fazer parte das possíveis rotas dos galegos rumo a América, e que as histórias dos *brasileiros* que retornavam a Portugal lhes influenciassem no momento de escolher o destino.

No Alto Minho português, entre os anos de 1838-60, grupos de emigrantes deslocaram-se até municípios como o de Viana do Castelo para conseguirem um passaporte e partirem para o Brasil. Da mesma forma como aconteceu à maioria dos patrícios portugueses que foram para terras do Brasil, também os galegos apontaram um destino inconfundível, o Rio de Janeiro, para onde se ausentaram mais de 81%. O escritor galego Xoan Neira Cancela, num dos seus textos do final do século XIX, intitulado *El brasileiro*, narra a história de um “rapazote, criado en las asperezas de las montañas de Lugo, ó en uno de los lugarejos de la provincia de Orense, cercanos á Portugal (...)”. A referência ao país vizinho não é pura casualidade, demonstra o conhecimento do autor acerca da influência que sofreram os galegos de zonas próximas a Portugal no momento de escolher o seu destino migratório, nesse caso, o Rio de Janeiro. Estudos relacionados com o município de Melom (Ourense) indicam, para o período de 1651 a 1920, a cifra

de 48,9% de emigrantes a Portugal. A partir de 1851, os vizinhos desse município começaram a emigrar para diferentes países americanos; o Brasil foi o segundo país de destino, depois de Cuba, e a cidade do Rio de Janeiro foi o principal lugar de emigração ao Brasil. A literatura coincide com os dados históricos, que relacionam a emigração de certas localidades galegas a Portugal como uma *ponte* para a posterior emigração a Brasil.

Cidades brasileiras receptoras de imigrantes galegos

A emigração galega no Brasil se caracterizou por ser uma emigração urbana, concentrada nas capitais de alguns estados brasileiros, como Rio de Janeiro, Salvador da Bahia e São Paulo. No caso de São Paulo, por exemplo, apesar de um grande contingente espanhol se deslocar até as zonas agrícolas cafeeiras no começo do século XX, os galegos continuaram fiéis a sua tradição de emigrar às cidades, preferindo São Paulo capital e a cidade de Santos. Algumas hipóteses levam a crer que as árduas condições de trabalho do campo e a ineficácia da política imigratória brasileira em conter o clientelismo local e a oligarquia brasileira foram um forte motivo para que os galegos rejeitassem trabalhar nas lavouras. Deslocando-se para as cidades, a imigração galega, formada majoritariamente por jovens varões em idade ativa, concentrou-se principalmente nos pequenos comércios e no setor da hotelaria. De fato, até os dias atuais, podem-se observar as marcas da imigração galega nas cidades brasileiras, por exemplo, no Rio de Janeiro, com o predomínio na propriedade de hotéis de luxo e casas de show. Nas décadas de 80 e 90 do século XX, por exemplo, algumas dessas casas de show foram cenários marcantes da vida noturna carioca.

Foi uma imigração majoritariamente masculina, formada por varões em idade ativa (14 a 50 anos), com um alto índice de alfabetização. Em contraposição, havia uma débil imigração feminina. A alfabetização dos imigrantes (superior à da população brasileira) abria possibilidades para que eles se inserissem no mercado de trabalho do setor terciário. Se a primeira imigração massiva esteve formada por indivíduos alfabetizados, podemos afirmar que esses precursores facilitaram a inserção profissional dos que chegaram posteriormente. As demandas de trabalho eram canalizadas por redes microssociais informais, como no caso de municípios pontevedreses com fluxos migratórios para Rio de Janeiro, Bahia ou a concentração massiva dos imigrantes do município galego de Santa Comba no Rio de Janeiro.

Bahia

Na Bahia, os galegos, a maioria procedentes de municípios pontevedreses de Ponte Caldelas, Fornelos de Montes e A Lama, concentraram-se nos setores do comércio de alimentos e bebidas, os chamados secos e molhados, bares, padarias e pastelarias, substituindo os portugueses que, até o século XIX, foram predominantes neste ramo comercial. A comunidade galega em Salvador criou um modelo de trabalho onde o clientelismo fez submergir a *condição de classe* e, para participar desse modelo, era preciso reconhecer-se de forma definida como membro do grupo e criar as bases para a ascensão na sociedade galega. Os vínculos de dependência entre o emigrante recém-chegado e o já estabelecido encontram-se tanto nas relações de trabalho como nas pessoais. O patrão – o galego que empregava – dependia do seu patrício – o galego que trabalhava – e essa dependência criava uma troca de favores que vinha misturada com um clima de afetividade, de família, mas, ao mesmo tempo, de exploração do recém-chegado que, sem conhecer ninguém, confiava no *paisano* que lhe oferecia um trabalho e os primeiros apoios.

Em 1911, foi inaugurado em Salvador o Cassino Espanhol, servindo de local de lazer e entretenimento da comunidade. Em 1922, o cassino se transformou em Centro Español. No ano de 1933, foi fundado o Galícia Esporte Clube, inserindo a comunidade galega numa das paixões do povo brasileiro – o futebol. O clube de futebol seria responsável pela integração dos galegos junto à sociedade soteropolitana mediante os contatos nos estádios. Outra característica que relaciona a comunidade galega e sua atuação enquanto agente de modelação da cidade é o fato de, nas quatro primeiras décadas do século passado, as vitrines dos estabelecimentos comerciais dos membros desse grupo serem consideradas as mais belas e chamativas das vias do centro, por onde as elites locais faziam compras e se divertiam.

Pará

A corrente imigratória espanhola que chegou a Belém e Manaus foi quase toda formada por galegos. O trajeto Vigo-Belém-Manaus foi percorrido por milhares de pessoas que se empregaram na construção da linha de trem Madeira-Marmoré, nos centros urbanos ou nas colônias. O governo brasileiro, nos primeiros anos do século XX, recrutou, de forma espontânea, trabalhadores para a construção de uma linha ferroviária que unisse as povoações de Madeira e Marmoré – uma parte do acordo com a Bolívia para permitir que esse país pudesse ter uma saída para o mar. Sabe-se que o Estado do Pará viveu, no final do século XIX, o seu apogeu econômico com o ciclo da borracha. O governo provincial tentou, desde a segunda metade do século XIX, atrair colonos para as zonas agrícolas, com o objetivo de dinamizar a economia e povoar o território. Devido às condições precárias dos acampamentos, à falta de apoio do governo aos trabalhadores e às doenças tropicais, muitos imigrantes morreram e outros se dirigiram às cidades. Na capital do Estado do Pará, existiu um importante núcleo de galegos, a maioria procedente da província de Ourense. No início, haviam emigrado com o intuito de trabalhar nas áreas agrícolas, fazendo parte de um plano estadual de colonização. Fracassado o plano, esses galegos decidiram abandonar a zona rural e se deslocaram para as cidades. Os setores profissionais em que mais atuaram esses emigrantes foram os de bares e hotéis, também se dedicando, uma parcela menor, a indústrias de calçado, padarias e restaurantes.

São Paulo

O Estado de São Paulo foi o estado que recebeu mais espanhóis e, conseqüentemente, galegos. No interior do

estado, a presença majoritária foi a de famílias andaluzas que se beneficiavam da política estadual de subsídios e se encaminhavam para as plantações de café. A presença galega se fez notar na cidade de São Paulo e em Santos. Na primeira, residiam principalmente nos bairros da Mooca, Brás e Belenzinho. No mercado de trabalho atuaram principalmente como canteiros, padeiros, sapateiros, empregados domésticos e vendedores ambulantes. Também estiveram presentes, como ocorreu nas outras cidades brasileiras, no pequeno comércio, cafés, bares e hotéis. O associativismo espanhol e galego na cidade de São Paulo foi representativo, através de instituições como a Sociedade Hispano-Brasileira de Socorros Mútuos e Recreio e o Centro Galego. A imagem do espanhol em São Paulo também vem associada aos movimentos operários e às greves que assolaram o estado no começo do séc. XX. A comunidade espanhola, junto com a italiana, encabeçou greves e, dessa comunidade, saíram líderes sindicais que participaram de movimentos anarquistas e comunistas.

Rio de Janeiro

O Rio de Janeiro foi o segundo estado que mais galegos recebeu. A grande maioria concentrou-se na capital. Quando os galegos começaram a emigrar, na segunda metade do século XIX, o Rio de Janeiro, como a capital do Brasil, era uma cidade em rápida ascensão, que ganhara ares cosmopolitas, quando a economia cafeeira começou a se expandir. Nesse período, a imigração galega já se perfilava como a terceira em importância numérica, somente atrás dos portugueses e dos italianos. A comunidade, no ano de 1859, fundou o Hospital Espanhol, cuja lista de sócios, nessa época, formada por mais de 200 emigrantes – a maioria de origem galega, foi a pioneira da

resenhas e críticas . DA ALDEIA ÀS CIDADES

corrente migratória. Os imigrantes se espalharam pelas freguesias centrais do Rio, participando da incipiente cidade moderna que se construía como a *cidade maravilhosa*. Foram-se estabelecendo nos pequenos comércios e hotéis de baixa categoria, que serviam para pernoite das classes populares. Atualmente, essa comunidade galega, principalmente os oriundos da terra de Xalhas (município de Santa Comba) concentram grande parte do setor de hotéis de luxo das zonas nobres cariocas.

No ano de 1900, fundou-se o Centro Galego, lugar de recreação e também de muita discussão política. O Centro funcionou até o ano de 1940, quando a ditadura de Getúlio Vargas nacionalizou as instituições estrangeiras, permitindo a continuação apenas daquelas de fins assistencialistas. Embora seja certo que Vargas decretou o seu fechamento, o Centro Galego sofrera uma ruptura devido a querelas políticas internas dos seus sócios. Membros partidários do *franquismo* por um lado, e outros favoráveis à esquerda, iniciaram uma discussão sem precedentes, que culminou na cisão do Centro. Como o governo espanhol, naquela conjuntura, era o governo *franquista* e o governo brasileiro era uma ditadura, a solução foi fechar o Centro antes que as ideologias de esquerda ganhassem terreno. De forma geral, a participação galega no associativismo no Brasil não foi tão expressiva como em outros países latino-americanos. Para entender a organização do associativismo galego no Brasil, deve-se pensar a imigração galega como um coletivo de trabalhadores do setor terciário que ganhavam a vida competindo com os portugueses, italianos e brasileiros. No começo do século XX, no Brasil, não podemos contar com uma coletividade intelectual numerosa com aspirações políticas e com uma grande projeção social, mas com camponeses que estavam se

adaptando às mudanças de uma nova sociedade. Com essas características, o mais provável é que houvesse poucos indivíduos com um alto poder aquisitivo ou dispostos a formar associações, o que não significa que a sua participação na sociedade brasileira, e dentro da sua própria comunidade, fosse inexistente. Sua prioridade inicial não era a de estarem agrupados em associações, mas a de construírem redes de solidariedade que primeiramente pudessem apoiá-los nas questões básicas do cotidiano, como o trabalho e a moradia e, conseqüentemente, segundo sua trajetória profissional, criar uma perspectiva de retorno. E essas redes formadas por vizinhos, parentes ou patrícios estavam diluídas no cotidiano carioca e se mantinham por contatos informais, através das notícias levadas pelos patrícios, das cartas enviadas à Galiza ou dos retornos definitivos ou temporários às aldeias de origem. Nas cadeias migratórias se reproduziu a identidade galega do começo do século, ainda que, obviamente, não se deve inferiorizar a importância das associações na vida dos emigrantes.